

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE EGÍDIO ÁLVARO A ALMADA NEGREIROS Lisboa, 3 de Maio de 1968

EA: Almada Negreiros, Lisboa, 3 de Maio de 1968.

AN: A maneira de começar? Estava eu a dizer...

EA: Exactamente igual...

AN: Considero uma coisa muito importante que em Lisboa naquela época conhecida pela época de Orfeu e do Futurismo, uma coisa chamada, uma realização que se fez no Chiado Terrace, que ainda existe, com o título de “Comício Intelectual”, o grande organizador disso era um homem de Orfeu, que foi exactamente o José Pacheco, e anunciou-se e reuniu-se a mesa que dirigiria o comício, com Albino Gomes na presidência e vários oradores que se inscreveram para falar, 01:04 entre esses oradores havia o doutor Raul Leal, havia o Leal da Câmara, e outros oradores que eu agora não me lembro quem eram, mas vinha cada um e falava, a uma certa altura chegou a minha vez: – quem está a falar é o Almada Negreiros –, e o meu discurso consistia no seguinte: explicar o que era o século XX, só, mais nada, e então eu dizia – o século XX não é equidistante do século XIX nem será do século XXI, como o século XVIII é, ao lado do século XIX e do século XVII. O século XX funciona como sendo contíguo a todos os séculos que houve no mundo, mas para me explicar melhor eu recorro a uma linha indefinida AB, para que o público tenha bem conhecimento da extensão desta linha eu direi que B são os dias que nós hoje vivemos no mundo, A é a data do nascimento de Cristo. Com grande surpresa de todo o mundo, o público deu uma destas gargalhadas, que espantou as próprias paredes. Nesta altura eu vi que o caso estava a ser grave para a humanidade, abri bem as pernas, separei bem os pés um do outro, cruzei os braços sobre o peito e disse: é a primeira vez no mundo que a humanidade se ri por causa da data do nascimento de Cristo 03:18 reação do público: o público em peso levanta-se às palmas com uma destas aclamações espantosas, como eu nunca tive nos dias da minha vida, avança para o palco, sobe para cima do palco, todos me querem abraçar, iam me matando afogado. (Risos)

EA: Em que altura é que foi feita essa conferência?

AN: 17.

EA: Antes ou depois da conferência no Teatro República?

AN: Parece que antes, não tenho a certeza. Mas o contacto do público é isso.

Em vistas da animosidade que havia contra os artistas do Orfeu, Cubistas e Futuristas, que era exactamente o que estava a comandar a mentalidade daquele tempo, o Santa-Rita, o Amadeo de Sousa Cardoso e eu, fizemos uma combinação: irmos aos nossos respectivos barbeiros e mandar cortar 04:33 o cabelo à escovinha, e depois encontramos-nos e passeámos o mais que se pode passear por Lisboa, os três assim. Era o nosso protesto silencioso. Esta é que é a história.

EA: Foi na altura da exposição do Amadeo aqui em Lisboa?

AN: Foi na altura, a coisa foi tão grave (isto já é particular mas pode pôr), não tinham passado ainda uns seis meses sobre isto, o Santa-Rita e o Amadeo Sousa Cardoso tiveram um encontro odioso, de morte, caramba. Não se podiam ver, acabou tudo.

EA: Uma outra que me contaram era também o de se passear com uma galinha...

AN: Eu tinha um galgo, que eu comprei no rossio, achei lindo, o galgo, e comprei-o. E levei-o para a minha água-furtada, na rua do Alecrim, e o galgo era lindo e eu fazia grandes passeios com ele, mas como ele tinha muito mais necessidade de movimento que eu, fazia muitas vezes isto: agarrava no galgo, metia-me no eléctrico, e ele vinha ao lado do eléctrico até ao Dafundo e voltava, e eu sempre com medo, que eles são cegos a correr, ele tinha um amor àquelas linhas, e um dia aconteceu-me, eu estava a pintar e a tigela do gouache verde caiu quando ele estava aos meus pés e ele ficou todo verde, e eu que tinha o hábito de vir com ele para a baixa, passear no Chiado com o galgo pintado de verde... mais nada, é só isso.

EA: A exposição do Almada em 1913 era só desenhos ou era também óleos? Em 1913.

AN: Tinha dois óleos. Antes disso já eu me tinha farto de pintar a óleo.

EA: Antes disso houve uma exposição em 11?

AN: Mas nessas nunca expus nem nada, porque eram os óleos que havia em nossa casa, na sala de visitas, na casa de jantar, etc... toda a família tinha óleos pintados por mim que eram cópias dos cromos que se vendiam no petit paintre, para copiar, e no colégio nós tinha-mos uma hora aos domingos, uma ou duas horas, para pintar. Com um professor que se chamava Brito e Cunha.

EA: E então eram esses os quadros...

AN: De modo que havia, eu lembra-me até que um dia, esta coisa é engraçada de contar porque 07:28 trata-se do António Pedro, coitado, que já lá vai. O António Pedro, um dia vai por um daqueles antiquários do rua do Alecrim e vê um quadro que era uma cópia daquilo, punha-se o cromo diante e a gente copiava, o que era o cromo: era uma lebre, um saco de saco de caça, era uma espingarda, umas perdizes, umas pêras, umas maçãs, tudo aquilo... E ele entra ali e vê um quadro grande, tinha para aí metro e meio por metro e vinte, pintado a óleo, e ficou surpreendidíssimo. Vê a data e era 1908, (risos) as coisas são muito engraçadas, 1908, e ele diz: mas o Almada sabe pintar, mas aquilo tem espessura, tem tudo... (risos) imagine o que é a vida.

EA: E o seu encontro com o cubismo? Deu-se em que altura? Com a pintura Cubista de Picasso, Braque...

AN: Eu não tinha correspondência, mas a verdade é isto: eu vivia Paris estando aqui, antes de ir a Paris eu vivia Paris, a este ponto, numa conversa com um francês, ele disse-me, fez-me este comentário durante a palestra: eu sou francês mas não conheço Paris tanto como você. Eu vivia Paris, de modo que eu comecei a ver as coisas cubistas, não só pelo Picasso, pelo Braque, o Braque marcou-me muito, mas mesmo muito. 09:29 Le Patron marcou-me muito, porque eu tinha afinidades com os dois, a afinidade ibérica, a grande afinidade ibérica, isto não me saí da ideia, com o Picasso há uma comunicação que é ibérica, está de acordo?

EA: Sim, sim, de resto vê-se...

AN: E tinha a maior das considerações e a maior das apetências na maneira como o Braque estava levando as suas coisas publicamente, isto é, com um método, mais método do que técnica. O Cubismo, como você sabe, foi o grande advento do século, dali saiu tudo, porque tudo são reflexos daquilo que se pôs. Eu por acaso sei isto, que a uma certa altura houve uma conversa entre o Juan Gris, o Picasso, o Braque e ainda um outro que não me lembra agora quem é, que resolveram não insistir muito com isso do Cubismo, em público. Eles sabiam que estavam a ver, aquilo era um destes golpes de mergulho que a humanidade inteira não podia fazer nem o artista pessoalmente. Aquilo era o verdadeiro chamamento, era um chamamento, está de acordo?

EA: Era uma mudança total de concepções... E o Amadeo de Sousa Cardos veio ter consigo a Lisboa? Desceu?

AN: Mandou-me um postal por causa do manifesto Anti-Dantas.

EA: Foi por causa do manifesto?

AN: Foi, mandou-me um postal, eu não o conhecia, nem sabia da existência dele. 11:24 O postal era assim: Belo Almada um, um, impar, impar, morra o Dantas, bravo Almada, Almada sim, Almada sim, Dantas não.

EA: Mas nessa altura já o Almada pintava uma pintura completamente diferente? Uma pintura pessoal?

AN: Bom, vou dizer outra coisa que é muito importante até para si: o facto de estarmos aqui em Lisboa fez com que a nossa afirmação nunca tivesse podido ser imediatamente por pintura. Como foi então? Foi exactamente assim, foi através da maneira dos desenhadores franceses chamados humoristas, daí a primeira manifestação que houve da geração ter sido no Salão dos Humoristas no Grémio Literário. Fez-se uma e depois fez-se outra. 12:36 Aqui os grandes nomes, para nós, eram o Forain (Jean-Louis Forain?) e outros que não me lembra agora. Mas de facto era uma maneira estética, de linguagem estética, que pouco a pouco fomos abandonando porque era francamente panfletária, era mais política do que... e havia de facto entre nós alguns políticos, como por exemplo, o principal de nós todos, nisso, era um homem chamado Christiano Sheppard Cruz, que foi morrer na África do Sul, veterinário, era um homem extraordinário, mas esse era político, ele era fracamente político, político diplomata... mas a iniciação vem exactamente por desenhos, isso é importante em Portugal...

EA: E é extremamente importante, o desenho, a literatura e a poesia, os dois ligados, e depois a pintura, mas é a pintura do Amadeo, que tinha estado lá fora, e do Santa-Rita. E o Almada começou a pintar em que altura, a pintar verdadeiramente moderno?

AN: Muito tarde, tão tarde como isto que eu lhe vou afirmar: aquilo que eu queria para a minha vida, e organizei assim como eu pude, e julgava que estava organizando bem, eu contei que dos 55 anos aos 60, eu estava apto a viver sozinho no meu atelier e viver daquilo que eu produzisse no atelier. Essa data aconteceu exactamente aos 75 anos.

EA: Com 20 anos de atraso.

AN: Gosto de fazer esta confissão, aos 75 anos. De modo que isso que interessa aos outros, eu próprio não sei, eu não sei...

EA: De qualquer maneira, em 19 e 18, já fazia gouaches e pintava?

AN: Muito, o gouache... a minha exposição estava cheia de gouaches, e tinha dois óleos, um deles até ficou com um nome muito célebre, que era Sinfonia do Amarelo, mas eu tinha outras que não ficaram célebres, mas eu não sei porquê. Era a Sinfonia do Amarelo, era a Sinfonia do Azul e a Sinfonia do Roxo, eram três. Porque é que só o amarelo... (risos)

EA: Isso na exposição de 19?

AN: 1913. Tá a ver. Nós estávamos a fazer uma iniciação em função das condições do meio...

Transcrição realizada por Performing the Archive, 23 de fevereiro de 2022